

LAVRADO: A PAISAGEM INVISÍVEL

CLAUDIA HELENA CAMPOS NASCIMENTO
JUDSON WOJTILA DE ROLIM LINS

claudia.nascimento@ufr.br
judson.wojtila@ufr.br.

RESUMO ABSTRACT

A singular ecorregião presente no extremo norte do Brasil, especificamente no estado de Roraima, é protagonista: O Lavrado. Nesse sentido puderam-se ilustrar as antropizações herdadas historicamente além das possibilidades para o futuro desta paisagem.

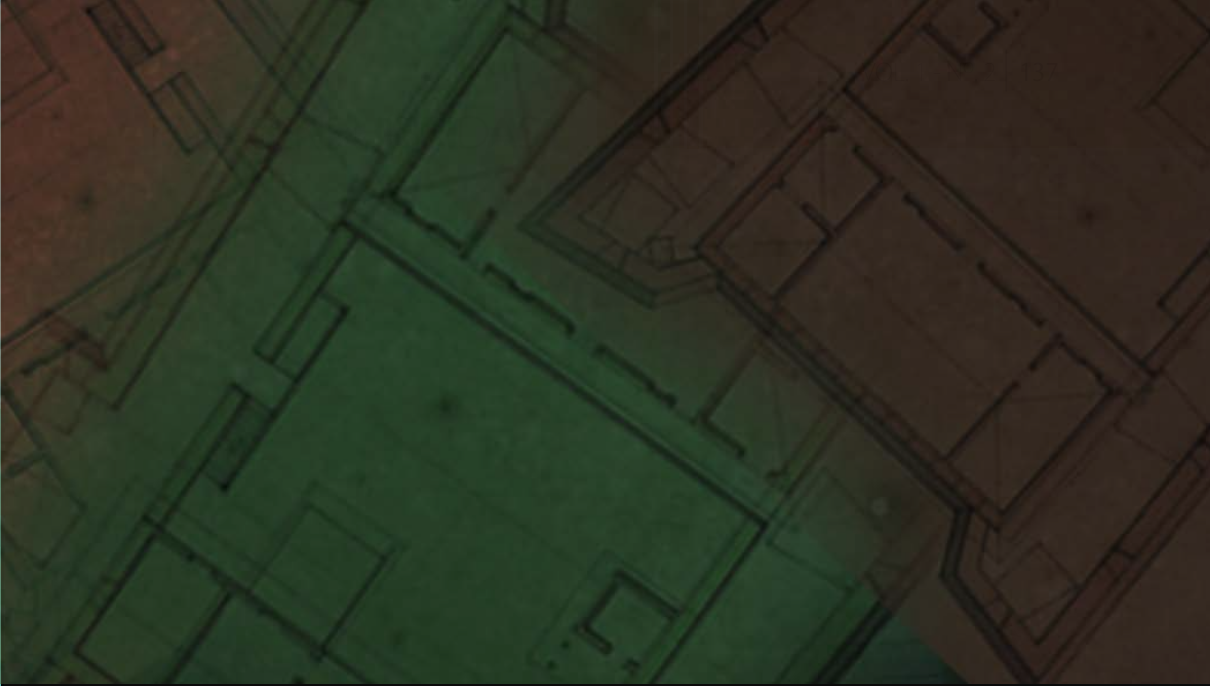
Importância científica e cultural, relativamente pouco explorada e documentada, de tal ecorregião, traz consigo indagações acerca de sua relevância de modo geral. A análise de suas restrições e potencialidades busca corroborar, além de sua singularidade, a necessidade de não obliterar conhecimentos intrínsecos presentes neste lugar. O artigo busca consolidar reflexões no campo do Paisagismo e da Paisagem Cultural, que vem sendo levantadas pelos autores através de outros trabalhos anteriores

The singular ecoregion present in the northern end of Brazil, specifically in the state of Roraima, is the protagonist: called "Lavrado". This paper authors believe to be possible illustrate the anthropization, historically inherited human interferences in the space as cultural constructor, as possibilities for the future of this landscape. Scientific and cultural significance, relatively little explored and documented, of such ecoregion, brings with them questions about its relevance in general. The analysis of its constraints and potentials seeks to corroborate, beyond its singularity, the need to not obliterate intrinsic knowledge present in this place. This paper aims to firm reflections about Landscaping and Cultural Landscape, and these inter-relations, which were been raised by the authors through several previous works.

Palavras chave Key-words

Impacto humano, antropização. paisagem, paisagem cultural, lavrado.

Human impact, anthropization. landscaping, cultural Landscape, lavrado.



OS CAMINHANTES E A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM

No momento em que o homem deixou a vida nômade para se tornar sedentário, uma transformação no olhar, relacionada ao meio que o cercava, se fez perceptível. Com esse novo modo de vida outras coisas também se modificaram, dentre elas, a própria paisagem.

A modificação das paisagens naturais nas quais as comunidades humanas se assentaram, antes mesmo

de sua conversão ao uso agrícola, aconteceu, portanto, em respostas as profundas interrogações sobre a existência: qual seria o lugar do homem na ordem cósmica geral, qual seria o seu destino? (PANZINI, 2013, p. 23).

As conclusões tiradas dessas observações podem ser vislumbradas no decorrer da evolução e do descobrimento de novas perspectivas. Por exemplo, os povos primitivos associavam o raio que cortava o ar como sendo uma luz divina, e mesmo antes, de lhe conferir um significado, entendia-a como algo que vinha transportado do céu a terra e a atingia, queimando intensamente campos secos e florestas, numa relação intrínseca entre causa e efeito.

O comportamento humano está associado à necessidade de sobrevivências, sendo que o estabelecimento dos grupos se fez a partir da escolha de locais úteis para suas atividades e necessidades. Tanto o estabelecimento da moradia quanto o desenvolvimento de técnicas de controle da natureza, especialmente da agricultura, promoveram a capacidade de vida em estruturas sociais. Assim, será a partir da cultura da terra que se consolidará em outra forma de cultura (associada ao conhecimento e relações do grupo) que a terra – arada e produzindo alimentos – será a base para o sustento e sobrevivência, e podemos afirmar desenvolvimento da própria espécie humana.

Relações com esse meio foram responsáveis também pela modificação em seu cotidiano e, a partir desse momento, o ser humano começou a procurar artifícios que amenizassem suas dificuldades e assim não sucumbisse a elas.

Tornou-se evidente a importância de tudo que a natureza lhe oferecia para a sua subsistência. Essa busca por novos recursos e meios de sobrevivência transformaram a paisagem. O homem passou a ser o agente ativo e não mais mero coadjuvante.

A construção da imagem de Amazônia foi traçada em descrições de viajantes e relatos, mormente impregnados de fantasia e subjetividade (DANIEL, 1976). O colonizador, de tradição dita civilizada, era nesse território mais nômade e forasteiro que os povos da floresta.

OS RIOS MONOCROMÁTICOS E A COLONIZAÇÃO

A bacia do rio Negro conta uma história de ocupação anterior ao processo de colonização. Descobertas arqueológicas, dentre os quais petróglifos¹, encontram-se espalhados por toda sua extensão.

Os primeiros registros da presença humana em Roraima foram feitos na região do lavrado e tem entre quatro e sete mil anos, mas é possível que esta ocupação seja anterior. Com a chegada dos espanhóis pelo Caribe e dos portugueses pelo rio Amazonas, os povos indígenas que habitavam esta parte da América do Sul foram forçados a redefinir seus territórios à medida que outros povos eram empurrados continente adentro fugindo da escravidão imposta pelos colonizadores (CAMPOS, 2011, p.13).

A ocupação do território que hoje se configura como Estado de Roraima² se fez na margem esquerda do Rio Branco³. Teve maior avanço durante o século XVII.

Desde o século XVII a política colonial para a região do rio Branco se resumia à exploração de recursos naturais e a escravização dos indígenas através dos descimentos. [...] Aldeamentos indígenas também foram criados as margens do rio [...] criação de fazendas de gado, que seguem se expandindo nos séculos seguintes, inclusive com a criação das fazendas nacionais⁴ (São Marcos, São José e São Bento). Este processo de expansão da pecuária no Lavrado está diretamente relacionado ao processo de expropriação das terras tradicionalmente ocupadas pelos índios do Lavrado (CAMPOS, 2011, p.12).

Originou-se a partir de um incipiente povoado resultado do processo de colonização. Ocorreu após a falência da tentativa de instalação da colonização português a partir do Forte São Joaquim (Il. 1), na confluência dos rios Tacutu e Uraricoera.

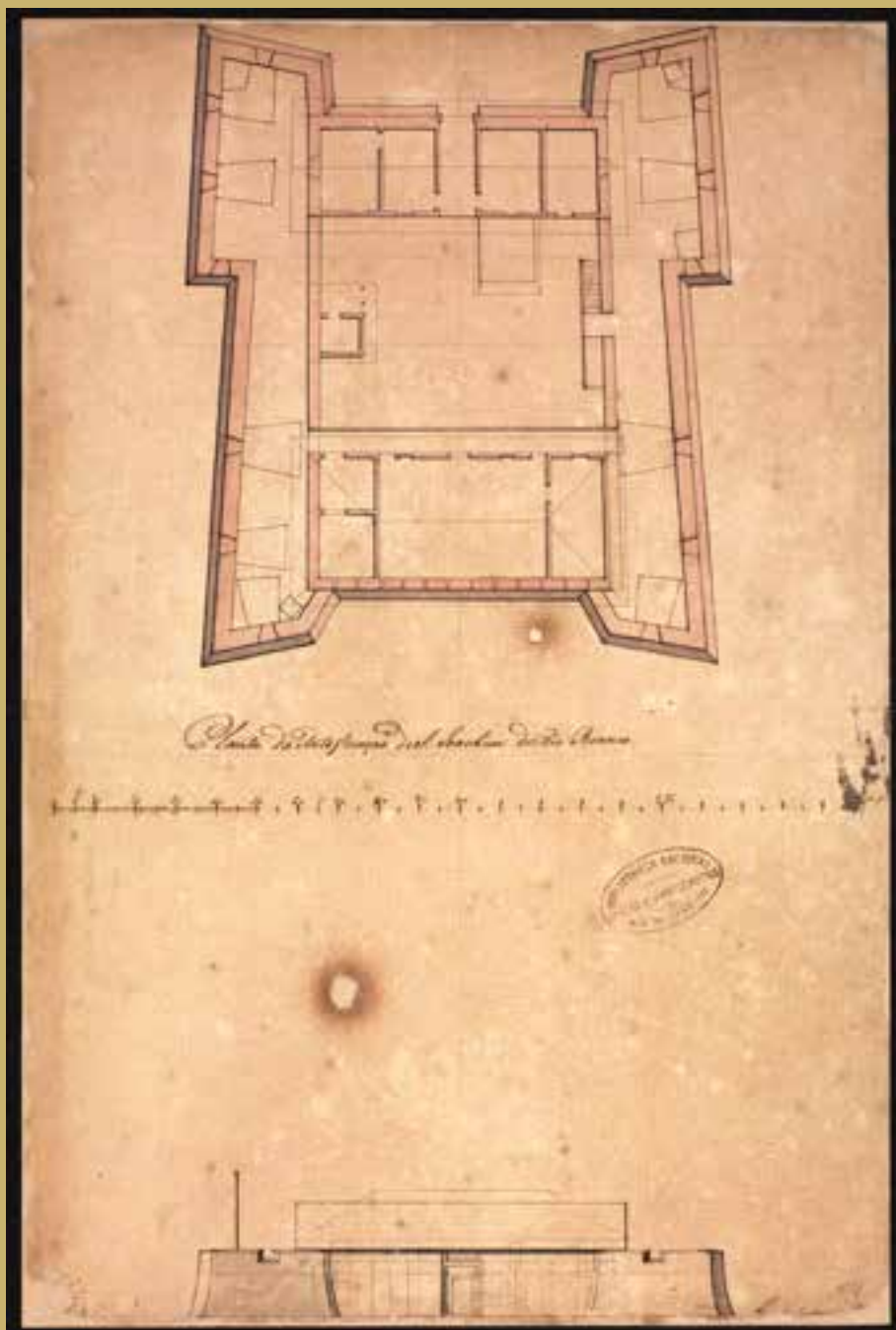
Nas últimas décadas do século XVIII a militarização da região do rio Branco já não era prioridade, povoar sim. As comunidades indígenas eram presentes naquela área como hoje. Contudo, a intenção era de se povoar com civis que se apresentavam em pouca quantidade. Missionários e alguns militares também se faziam presentes.

Em 1790 os civis tornaram-se residentes do rio Branco por ordem do Governador da Capitania do Rio Negro, Lobo D'Almada, que substituiu os diretores militares dos aldeamentos indígenas por civis (RODRIGUES, 1979, p. 2). O povoado do Rio Branco foi elevado à categoria de Freguesia de Nossa Senhora do Carmo do Rio Branco em 1858.

Ainda com a categoria de vila do município amazonense de Moura, até meados do século XX, manteve-se com a configuração de um pequeno núcleo, onde eram desenvolvidas atividades de pecuária extensiva, terra lavrada.

Em 1943 foi criado o Território Federal do Rio Branco, tendo Boa Vista como sede administrativa, possivelmente como forma de gerenciar o fluxo econômico advindo da pecuária e garimpo de diamantes descoberto à época na Serra do Tepequém⁶.

A expansão da pecuária e a exploração de ouro e diamante ganham impulso nas décadas seguintes, acelerando o processo de ocupação das terras tradicionalmente ocupadas pelos povos indígenas da região. O processo de ocupação, até então restrito à região do Lavrado, só foi alterado a partir da década de 1970, quando tem início um novo e explosivo processo de colonização impulsionado pela construção de estradas, criação de Projetos de



Il. 1: Planta da fortificação de São Joaquim do Rio Branco [Alçado da frente da fortaleza – [17--].

Fonte: CODINA, José Joaquim [17--]. Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional.

Disponível: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1095090.jpg.

Acesso: 28.mai. 2015.

Assentamento[...] e também pela transformação do território Federal em Estado (CAMPOS, 2011, p.13).

Nesse período também é estimulada a ocupação do interior, com atividades agropecuárias, gerando grande fluxo populacional, crescimento econômico e expansão urbana.

A partir da década de 1980 e 1990 os migrantes também foram atraídos pelo garimpo na Terra Indígena Yanomami e pelas oportunidades que surgiram com a implementação da estrutura administrativa do recém-criado estado de Roraima e o fortalecimento dos órgãos do governo federal. [...] Apesar do ritmo de ocupação nas áreas rurais, a maior parte dos migrantes se concentrou nas cidades (CAMPOS, 2011, p.14).

O território do atual Estado de Roraima (Il. 2) apresenta-se na atualidade como potencial emergente, seu crescimento e a busca por uma identidade, não apenas para si, mas para a população que se encontra nele, está cada vez mais presente como consenso geral.

Il. 2: Os quinze municípios atuais de Roraima e seus limites geográficos.
Fonte: Domínio Público..



LAVRADO: A PAISAGEM INVISÍVEL

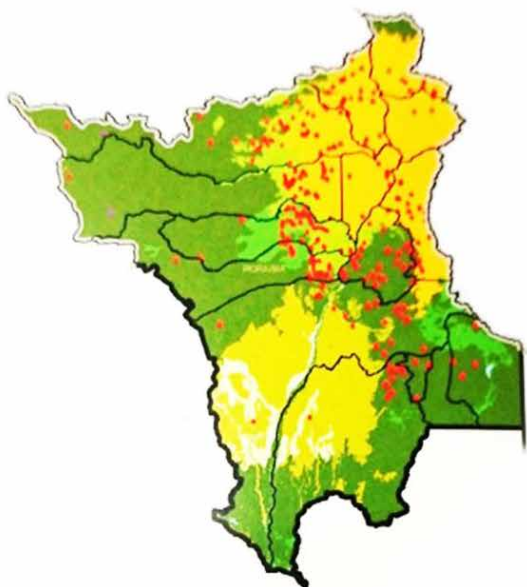
Passados muito tempo desde as primeiras expedições de reconhecimento, muito se perdeu da biodiversidade como um todo e não seria diferente da roraimense, por mera ignorância ou mesmo descaso.

O termo “lavrado” traz referência ao processo histórico de colonização, englobando a perspectiva agropecuária. Esse mesmo processo que o caracteriza, também é o indutor de riscos para essa paisagem que se apresenta em sua potência de flora, fauna, relevo e geologia (LINS, 2015). Também guarda riquezas a serem valorizadas e preservadas. De amplos horizontes, o Lavrado Roraimense possui identidade clara, como uma marca precisa.

Lavrado é o termo local para a região das savanas de Roraima. Trata-se de um ecossistema único, sem correspondente em outra parte do Brasil, com elevada importância para a conservação da biodiversidade e dos recursos hídricos. Esta paisagem faz parte do grande sistema de áreas abertas estabelecido entre o Brasil, a Guiana e a Venezuela com mais de 60.000 km². O lado brasileiro é quase que totalmente restrito à Roraima, detendo mais de 70% (43.358 km²) de todo este complexo (...) *Dentro da divisão de biomas e ecorregiões que o Brasil adota, esta grande paisagem é definida como a ecorregião das Savanas das Guianas, inserida no Bioma Amazônia* (CAMPOS; PINTO e BARBOSA, 2008, p. 1).

O Lavrado (Il. 3), assim como todos os biomas e ecorregiões existentes no Brasil, transita em uma faixa tênue de equilíbrio, a necessidade de salvaguardar se torna prioritária (LINS, 2015). Vai além, se colocarmos em foco as informações que ainda poderíamos obter com um aprofundamento de estudos direcionados a essa vegetação.

Vale ressaltar que Lavrado, Cerrado e Campos são semelhantes visualmente, entretanto sua similaridade resume-se a isso (INSTITUTO



CLASSES DE VEGETAÇÃO

- Campinarana
- Contato Campinarana-Floresta Ombrófila
- Floresta Estacional Semidecidual
- Lavrado
- Floresta Ombrófila Aberta
- Floresta Ombrófila Densa
- Refúgio Vegetacional
- Água

Il. 3: Vegetação

Fonte: Vegetação (SIPAM/IBGE, 2004), limite do Lavrado (Barbosa & Campos, 2011).

CHICO MENDES, 2011); influências geográficas, climáticas e territoriais são fatores relevantes nesse aspecto e que foram levantados durante a 8ª Conferência Internacional de Áreas Úmidas – Intecol, em 2008.

Os limites entre a floresta e o lavrado estão em constante flutuação ao longo do tempo, influenciados por variações climáticas que ocorrem na escala de dezenas de milhares de anos. Durante estes ciclos, as florestas se expandem nos momentos mais úmidos, enquanto as savanas avançam nos períodos mais frios e secos. Mais recentemente, o uso e manejo do fogo pelas populações humanas também contribuiu para a dinâmica da paisagem. Após a última expansão das florestas, as savanas que restaram no interior da Amazônia representam relíquias do passado da paisagem, sendo o Lavrado a maior delas (CAMPOS, 2011, p. 17).

O crescimento das cidades de Roraima, desordenada e aceleradamente, ocasionou de forma inconsequente a antropização de alguns desses lagos. Uma forte alteração na paisagem que se fez perceptível e suas consequências muitas vezes irreparáveis e desastrosas para o meio ambiente se materializaram.

Cabeceiras de igarapés e até mesmo rios transitam nesta ecorregião tão forte visualmente e, ao mesmo tempo, tão indefesa das ações humanas. Sobram razões para proteção do Lavrado. Agora só falta vontade a quem toma as decisões no Cerrado do Planalto Central (FONSECA, 2008).

A vegetação nativa e diversificada do Lavrado Roraimense é composta por vegetações de pequeno, médio e grande porte, como por exemplo, gramíneas; (*Trachypogon plumosus*), o Caimbé (*Curatella americana*) e o Buriti (*Mauritia Flexuosa*), respectivamente.

Essas pequenas porções de flora, permeiam lagos e igarapés, em grande parte ladeados por veredas de buritizais, que alimentam a hidrografia dos rios que afluem para o principal corpo hídrico: o Rio Branco.

O conhecimento limitado da sociedade, referente ao lavrado, aliado ao número pequeno de instâncias de pesquisas e a cultura de preservação do patrimônio social, delegam esse território a um estágio de vulnerabilidade. As ações urbanas e comerciais que avançam sobre esse território colocam o Lavrado Roraimense à margem das prioridades de preservação.

SUA PRESERVAÇÃO

Todas as grandes paisagens se encontram razoavelmente representadas dentro das Unidades de Conservação – UC's, com exceção do lavrado. Isso se deve, a sua fisionomia simplista, que apresenta, em sua maior parte, vegetação de pequeno porte, salvo as áreas próximas de lagos,

igarapés e os corredores de florestas. (CAMPOS, 2011, 2008). As UC's, instituídas na constituição de 1988, configuram um passo importante para a conservação e utilização sustentável de áreas florestais.

Estas UC's estão distribuídas desde as montanhas mais altas até as planícies alagadas, submetidas a distintos regimes climáticos e abrigando uma grande variedade de solos e fitofisnomias, cenário que eleva sua importância para a conservação e o seu potencial para a prospecção da biodiversidade (CAMPOS, 2011, 2008, p. 19).

O lavrado necessita de entendimento sobre suas especificidades, para a garantia de sua existência. A paisagem que apresenta grandes espaços abertos também está carregada de possibilidades que podem garantir sua preservação. As atividades que transformam o espaço não devem ser vistas apenas sob a perspectiva econômica, mas podem ser encaradas também de maneira científica e social.

RESTRIÇÕES

O lavrado roraimense está parcialmente protegido pelas terras indígenas, ainda que de maneira indireta, pois as mesmas ocupam atualmente mais de 50% da extensão do Estado de Roraima. Entretanto, isso não garante sua preservação considerando evoluções do pensamento acerca das leis de Áreas de Preservação Permanente – AAP's⁷ e, também, o avanço acelerado do agronegócio⁸ na região (FONSECA, 2008).

A assembleia legislativa aprovou um projeto de lei apresentado pelo executivo que, na prática, reduz a Área de Preservação Permanente e incentiva a ocupação e o uso agropecuário na margem dos grandes rios do Lavrado (LC 153/2009)(CAMPOS, 2011, 2008, p. 10).

O agronegócio é colocado como principal alternativa para que o desenvolvimento chegue a Roraima. Os campos do lavrado oferecem

boas condições para a pecuária/agricultura, uma vez que o terreno plano e a vegetação rasteira, em sua maioria, não oferecem obstáculos difíceis de serem transpostos.

A expansão do agronegócio no lavrado, voltado, sobretudo à exportação de grãos, representa a principal política do governo estadual para o fortalecimento do setor agrícola (...). *Já são cerca de 65 mil hectares de áreas ocupadas pelo agronegócio. Parece pouco, mas se a gente pensar que há alguns poucos anos não tinha quase nada, percebe-se que ele (o agronegócio) está entrando vai chegar aqui com força por aqui*", afirma o pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) em Roraima, o ecólogo Reinaldo Imbrozio Barbosa (FONSECA, 2008).

Se o agronegócio na região não pode ser excluído como possibilidade econômica, ao menos métodos devem ser elaborados com o objetivo de minimizar as suas consequências e buscar novas alternativas sustentáveis.

A silvicultura chegou até à região como uma alternativa industrial para o desenvolvimento e com uma possível implantação de uma indústria de celulose.

Atualmente esses cultivos podem ser comercializados como crédito de reposição florestal, para compensar o volume de madeira retirado de áreas de mata. Entretanto, as vantagens dessa reposição são duvidosas, pois permite que o impacto na floresta sejam compensados por impactos no lavrado (CAMPOS, 2011, 2008, p. 24).

Os impactos e as alterações na paisagem são perceptíveis, já que mais de trinta mil hectares de árvore exótica *Acácia Mangium* foram introduzidos em área de lavrado.

A exploração do potencial mineralógico⁹ do Estado de Roraima, com identificação de grandes jazidas de diamantes, ouro, nióbio, urânio,

tório, cobalto, molibdênio, titânio, tantalita, columbita, cassiterita, entre outros minerais, a médios ou longos prazos, vão atingir o Lavrado Roraimense, inexoravelmente (FONSECA, 2008).

O grande potencial mineral de Roraima se tornou amplamente conhecido em meados da década de 1970, devido à divulgação dos resultados do projeto Radam Brasil¹⁰, mas as riquezas minerais das serras na região do Lavrado já era conhecida desde o início do século 20.[...] Outro ciclo importante em Roraima aconteceu entre as décadas de 1940 e 1950, na serra do Tepequém, também na região do Lavrado, mas fora de terra indígena (CAMPOS, 2011, 2008, p. 27).

Outro ponto que pede atenção é o da urbanização acelerada e sem planejamento adequado em Boa Vista, sobre as lagoas, igarapés e buritizais. Mesmo o processo conduzido pelo poder público tem desconsiderado a fragilidade desse ecossistema, inserindo conjuntos habitacionais de baixa renda (Il. 4), especialmente, sobre o sistema de lagoas, banhados e veredas do Lavrado na região a oeste da capital além da canalização de inúmeros igarapés que cruzam área urbana (CUNHA, 2014; JUCÁ, 2014).

Il. 4: Loteamento na zona oeste de Boa Vista, 2006/2011.
Foto: Tiago Orihuela, 2006; J. Pavani 2011.



A destruição sistemática dos igarapés de Boa Vista é impulsionada não só pela disponibilidade de recursos, mas também pela falta de reconhecimento da sua importância social, ambiental e cultural (CAMPOS, 2011, 2008, p. 30).

O lavrado, mais uma vez, aparece à margem, pois os vetores de crescimento apontam em sua direção, usinas de combustíveis e hidrelétricas parecem cada vez mais próximas, ainda que indicadores demonstrem falta de argumentos.

A implantação de uma grande usina de etanol está atualmente em processo de licenciamento pelo governo do estado, apesar do decreto presidencial que impede a expansão da cultura da cana-de-açúcar no bioma Amazônia [...] Além da introdução de 75 mil hectares de cana de nos campos naturais do Lavrado, os impactos envolvem emissão de fumaça (250m³ por segundo) e a produção de vinhoto, mortal para toda a vida aquática (6 bilhões de litros/ano) (CAMPOS, 2011, 2008, p. 31).

As potencialidades do lavrado precisam e devem figurar definitivamente nas discussões acerca do desenvolvimento urbano e social, com a finalidade de um melhor aproveitamento por parte da sociedade e evitar futuras perdas naturais, que caso ocorram, não se tornem o único legado.

POTENCIALIDADES

Roraima apresenta-se como um dos estados com o menor índice de desmatamento da Amazônia, tendo apenas 5% de sua cobertura vegetal original desmatada (CAMPOS, 2011, p. 33).

Até o início dos anos 70 o desmatamento em Roraima era insignificante se comparado aos valores atuais. Desta forma, o desmatamento em larga escala é um fenômeno recente, pós 1980 (CAMPOS, 2011, 2008, p. 33).

O desmatamento entre 2012 e 2013 teve um crescimento de 49%, de acordo com o Projeto de Monitoramento da Floresta Amazônica por Satélites – PRODES e Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE. Ainda assim, considerada a segunda menor taxa de desmatamento desde o início do monitoramento.

O campo que tem sido apontado é o dos estudos de valorização das relações que se estabelecem no Lavrado Roraimense, identificando suas potencialidades e investindo em processos de controle, gestão e desenvolvimento econômico sustentável.

A pactuação de novos acordos para o zoneamento das áreas de uso e conservação, a implantação de sistemas agroflorestais, o reflorestamento com árvores nativas como buriti (*Mauritia Flexuosa*) e pau-rainha (*Centrolobium paraense*), o uso controlado do fogo e novas práticas de manejo dos solos e das roças são algumas iniciativas que começam a surgir como resposta à crescente pressão sobre os recursos naturais (CAMPOS, 2011, 2008, p. 21).

O território apresenta um quadro no mínimo inusitado, já que a maior parte da energia consumida no estado provém de hidrelétrica venezuelana, juntamente com termelétricas distribuídas em centros urbanos e no interior. Ainda assim, não consegue atender a população em sua totalidade.

A necessidade de utilização de recursos renováveis relacionados à geração de energia elétrica, outro ponto frequente nos dias atuais, também pode encontrar alternativas sustentáveis. Um grande potencial de ventos e luz solar, em Roraima, particularmente no lavrado, ainda que pouco explorados atualmente, torna-se cada vez mais viável.

Segundo o Atlas do Potencial Eólico Brasileiro, Roraima é o estado com maior potencial no norte do país, com grande parte do potencial estimado para a região norte (12,4GW). Este potencial está localizado na região do lavrado, concentrado nas terras indígenas São Marcos e Raposa

Serra do Sol, aonde a presença de serras e campos contribui para a capacidade de geração[...] O lavrado também possui um dos maiores índices médios de radiação solar no país (6kWh/m².dia), o que indica um grande potencial para a geração de energia solar (CAMPOS, 2011, 2008, p. 31).

O campo científico também encontra seu lugar no Lavrado (NASCIMENTO; LINS, 2014). Com um potencial de fauna, paisagístico, hidrográfico, mineral e cultural ainda por ser trabalhado, apresenta um espaço rico em possibilidades de estudo. As espécies que compõem sua paisagem, em escalas que variam do micro ao macro, e sua fisionomia única chamam a atenção.

Não é por falta de proposta ou de pessoas empenhadas em proteger o lavrado. Reinaldo Barbosa faz parte de um grupo formado por Pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) em Roraima, analistas ambientais do Ibama e Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Boa Vista, que apresentou ao governo federal os planos para a criação do Parque Nacional do Lavrado, com 61 mil hectares, no Leste do Estado, entre a Serra da Lua e o médio rio Tacutu. A área representa apenas 1,5 % do total de campos naturais em Roraima (FONSECA, 2008).

Modos de produção sustentáveis, como a criação de gado bovino, apoiado pela Diocese de Roraima juntamente com a Fundação Nacional do Índio – FUNAI, tem se mostrado uma alternativa válida.

A pecuária indígena não está baseada no desmatamento nem na introdução de capim, mas o efeito de sua expansão sobre os recursos naturais tem estimulado a busca de soluções para aumentar sua produtividade e sustentabilidade, como a construção de novos acordos de zoneamento da paisagem, a proteção dos cursos d'água e a adoção de novas técnicas de manejo e melhoramento genético. (CAMPOS, 2011, 2008, p. 21).

Dentre todas essas potencialidades, talvez o turismo seja a alternativa mais real e viável, até mesmo para as tribos que habitam o território (VERAS, 2011). Apresentando locais de beleza natural e um conjunto de fatores culturais provenientes de todo o processo civilizatório, todo este território poderia se beneficiar e gerar uma experiência positiva quanto a preservação. Caminhos que levam aos mais diferentes lugares e que apresentam o lavrado, em alguns momentos, como paisagem marcante. Quem ruma em direção Norte/Nordeste do estado consegue vislumbrar os campos e algumas de suas raras belezas como raras orquídeas – *Bletias*, garças, buritis e mesmo tamanduás bandeira – *Myrmecophaga tridactyla* (SILVA e SILVA, 2011; SILVEIRA, 2013 e outros estudos específicos).

O potencial turístico das Tis também envolve as manifestações culturais como a gastronomia (damorida e caxiri), as festas (parixarana), lendas e o artesanato, como cestarias (darruana e jamaxim) e panelas de barro, que fazem parte do patrimônio imaterial do povo de Roraima. (CAMPOS, 2011, 2008, p. 21).

Importante ressaltar que ainda se faz necessário o aprofundamento sobre os impactos não apenas ambientais, mas sociais, principalmente aos povos indígenas, que seriam os principais afetados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento, seja de forma científica ou empírica, é uma necessidade humana para sua própria sobrevivência e ainda possibilita a modificação da sociedade e do meio que se habita.

A paisagem ao qual chamam lavrado apresenta peculiaridades tão sutis que seria necessária uma investigação mais cuidadosa para classificar seu grau de relevância (NASCIMENTO e LINS, 2017). Negar ao lavrado o direito de compreender suas riquezas, por não se ter uma quantidade maior de estudos realizados nesta área, seria no mínimo inconsequente.

A modificação da paisagem sempre estará ligada as necessidades humanas. Fatores como o crescimento demográfico influenciam não apenas determinado espaço, mas transformam toda uma sociedade.

Modificações impactantes e destrutivas, ocasionadas pela simples exploração sem o devido planejamento, no passado, hoje se apresentam diante da possibilidade da promoção de tais transformações de maneira menos dramática.

Promover a conservação e o manejo de diversas paisagens, em especial a do lavrado, de maneira sustentável é possível a partir de ações e aliado ao uso de ferramentas de conhecimento, como a arquitetura e urbanismo. Assim seremos capazes de gerar e desenvolver novos conhecimentos e saberes acerca dos que se configura pouco conhecido.

O campo está aberto para negociações, a necessidade a existência de um estudo mais aprofundado se firma nessa expectativa de descobrir, mais uma vez, como enxergar o invisível.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Ciro (org). *Diversidade Socioambiental de Roraima. Subsídios para debater o futuro sustentável da região*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011.

CAMPOS, Ciro; PINTO, Flávia; BARBOSA, Reinaldo Imbrózio. *O Lavrado de Roraima: importância biológica, desenvolvimento e conservação na maior savana do Bioma Amazônia*. Boa Vista: INPA-RR, 2008.

CUNHA, Marina Ignácio. *Estudo das áreas de implantação dos loteamentos habitacionais de interesse social na Zona Oeste e Sudoeste do município de Boa Vista/RR*. Boa Vista: Universidade Federal de Roraima, 2014 (monografia de conclusão de curso de bacharelado em Arquitetura e Urbanismo).

DANIEL João. Tesouro descoberto no Rio Amazonas. In: *Anais da Biblioteca Nacional*, v.1, 1975, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_095_1975-1976_01.pdf. Acesso em: mai. 2014.

FONSECA, Vandrê. Um parque para o Lavrado de Roraima. In: *O Eco*, 2008. Disponível: < <http://www.oeco.org.br/> > Acesso: 10.ago.2014.

INSTITUTO CHICO MENDES. *Fitofisionomias: Bioma cerrado*. 2011. Disponível:<<http://www.icmbio.gov.br/projetojalapao/pt/biodiversidade-3/fitofisionomias.html?showall=1>> Acesso: 10.ago.2014.

JUCÁ, Joelly Kalyne Bessa. *Habitação de Interesse Social em Boa Vista/RR: legislações ambientais e contradições*. Boa Vista: Universidade Federal de Roraima, 2014 (monografia de conclusão de curso de bacharelado em Arquitetura e Urbanismo).

LINS, Judson W. de Rolim. *Unidade de Estudos Avançados para o Lavrado*. Boa Vista: Universidade Federal de Roraima, 2015 (monografia de conclusão de curso de bacharelado em Arquitetura e Urbanismo).

NASCIMENTO, Claudia H. C. ; LINS, Judson W. de Rolim. Lavrado Roraimense e a busca por sua identidade . In: *Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural*, 3, 2014, Belo Horizonte. Anais.... Belo Horizonte: UFMG, 2014.

NASCIMENTO, Claudia H. C.; LINS, Judson W. de Rolim. Signos da Margem da Amazônia: o lavrado roraimense. In: *II Encontro de Patrimônio Encontro de Patrimônio Cultural e Sociedade*, 2017, Belém. Anais.... Belém: UNAMA/SECULT-PA, 2017.

PANZINI, Franco. *Projetar a natureza: arquitetura da paisagem e dos jardins desde as origens até a época contemporânea*. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2013.

RODRIGUES, José Honório. *História da História do Brasil – Historiografia Colonial*. 2.a edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

SILVA, Manoela Ferreira Fernandes da; SILVA, João Batista Fernandes da. *Orquídeas nativas da Amazônia brasileira*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi / Universidade Federal Rural da Amazônia, 2011.

SILVEIRA, Luis Fábio. As exclusivas aves de Roraima. 2013 Disponível: <http://www.ib.usp.br/~lfsilveira/pdf/a_2013_cecroraima.pdf> Acesso: 10.ago.2014.

VERAS, Antônio Tolrino de Resende. *Turismo e desenvolvimento sustentável na Serra do Tepequém*. Boa Vista: Universidade Federal de Roraima / Instituto de Geociências, 2011.

NOTAS

- ¹ São imagens geometrizadas e representações simbólicas, geralmente associadas, que registram fatos e mitos e eram gravadas nas rochas das paredes internas e externas de cavernas por populações neolíticas ou calcolíticas. São encontrados em todo o mundo.
- ² A palavra RORAIMA vem de Roro-imã que significa grande verde azulado na língua indígena Pemon (Taurepang). Outro sentido atribuído à palavra é Serra do Caju. Mas o nome do estado de Roraima, segundo os historiadores, é uma referência ao Monte Roraima, uma formação da era pré-cambriana, a 2.875 metros de altitude.
- ³ Em 1639 Pedro Teixeira chegou à foz do grande Rio que foi batizado rio Branco devido ao contraste da água no seu encontro com o rio Negro. Para os nativos que o acompanhavam o rio se chamava Queçoene. Durante a cheia, quando está carregado de sedimentos arrastados pela chuva, a água fica 'branca', semelhante a do rio Solimões (DIVERSIDADE SOCIOAMBIENTAL DE RORAIMA, 2ª Edição, 2008, p. 17).

- ⁴ Em 1787 Manoel Lobo D'Almada, o então governador do Estado do Amazonas, introduziu as primeiras cabeças de gado na Região do Rio Branco e em consequência disso foram criadas as Fazendas Reais que posteriormente receberam o nome de Fazendas Nacionais. O objetivo da instalação das mesmas era, através da ocupação efetiva pela *pata do boi*, assegurar a posse lusa nestas áreas periféricas da bacia do rio Amazonas (BARROS, 1995, p. 47).
- ⁵ Entre os anos de 1775 e 1776 foi iniciada a construção do Forte São Joaquim, à margem direita do rio Tacutu, no ponto de encontro com o Uraricoera, formando o rio Branco, posição estratégica, pois barraria a passagem de espanhóis e holandeses para o Branco, impedindo qualquer tentativa de incursões estrangeiras no rio Negro. (DIVERSIDADE SOCIOAMBIENTAL DE RORAIMA, , 2008, p. 12).
- ⁶ Serra localizada no município de Amajari há 210 km da Capital Boa Vista, reconhecido pelo seu potencial turístico além de possuir riquezas minerais como ouro e diamantes. Disponível:<<http://revista.ufrb.br/>> Acesso: 10.ago.2014.
- ⁷ LEI COMPLEMENTAR Nº 153 DE 21 DE DEZEMBRO DE 2009. Acrescenta e modifica dispositivos da Lei Complementar nº 007, de 26 de agosto de 1994, que Institui o Código de Proteção ao Meio Ambiente para a Administração da Qualidade Ambiental, Proteção, Controle e Desenvolvimento do Meio Ambiente e uso adequado dos Recursos Naturais do Estado de Roraima, para declarar de interesse social e de utilidade pública as atividades que especifica, e dá outras providências. Disponível: < [http://www.tjrr.jus.br /](http://www.tjrr.jus.br/) > Acesso: 10.abr.2015.
- ⁸ Entendemos por agronegócio, a totalidade das operações de produção e distribuição de suprimentos agrícolas, das operações de produção nas unidades agrícolas, do armazenamento, do processamento e da distribuição. Conceito de Agronegócio. Disponível:< <http://www.gestaonocampo.com.br/>> Acesso: 10.ago.2014.
- ⁹ De acordo com estudos realizados pelo Departamento Nacional de Extração Mineral – DNPM, 2002. Disponível: < <http://www.dnpm.gov.br/>> Acesso em: 10.mai.2015.
- ¹⁰ O Projeto Radam Brasil, que operou entre 1970 e 1985, foi dedicado à cobertura de diversas regiões do território brasileiro (em especial a Amazônia) por imagens aéreas de radar, captadas por avião. O uso do radar permitiu colher imagens da superfície, sob a densa cobertura de nuvens e florestas. Com base na interpretação dessas imagens, foi realizado um amplo estudo integrado do meio físico e biótico das regiões abrangidas pelo projeto, que inclui textos analíticos e mapas temáticos sobre geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, uso potencial da terra e capacidade de uso dos recursos naturais renováveis, que até hoje é utilizado como referência nas propostas de zoneamento ecológico da Amazônia brasileira. Disponível: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Projeto_Radambrasil/> Acesso: 10.mai.2015.